



TERROR EM MOGADÍSCIO / Grupo jihadista Al Shabab reivindica ataque com carros-bomba em avenida da capital da Somália, que deixou mais de 300 feridos. Crianças estão entre as vítimas. ONU e União Europeia condenam a ação

Duplo atentado mata ao menos 100 pessoas

A comunidade internacional reagiu, ontem, com indignação ao duplo atentado terrorista que deixou ao menos 100 mortos em uma avenida de Mogadíscio, capital da Somália. O ataque, com carros-bomba, foi reivindicado pelo grupo jihadista Al Shabab, ligado à Al Qaeda. Muitas crianças estão entre as vítimas, segundo o presidente Hasan Sheikh Mohamud, que esteve no local. Foi a maior ação terrorista no país em cinco anos. Em outubro de 2017, um caminhão-bomba explodiu na mesma área, matando mais de 500 pessoas.

“Até agora, o número de mortos chegou a 100 e 300 ficaram feridos, e o número continua aumentando”, assinalou Hasan Mohamud. Logo após o ataque, no sábado à tarde, o saldo era de nove mortos. “Os terroristas implacáveis mataram mães. Algumas morreram com seus filhos nas costas”, ressaltou o porta-voz da polícia Sadik Dudishe.

Os dois veículos carregados de explosivos foram detonados no movimentado cruzamento de Zobe, em Mogadíscio. O estouro foi seguido de um tiroteio perto do Ministério da Educação da Somália. As explosões arrebentaram janelas de prédios próximos e lançaram estilhaços e nuvens de fumaça e poeira no ar.

A ofensiva ocorreu no mesmo cruzamento de um ataque em 14 de outubro de 2017 com um caminhão carregado de explosivos que deixou 512 mortos, além de 290 feridos. “Isso não está certo. E, se Deus quiser, eles não poderão realizar outro ataque”, disse Mohamud, referindo-se à facção terrorista.

O Al Shabab divulgou nota afirmando que seus combatentes tinham como alvo o Ministério da Educação. Há 15 anos, os extremistas tentam derrubar o frágil governo da Somália, que tem apoio internacional. Os jihadistas foram expulsos de Mogadíscio em 2011 pelas forças da União Africana, mas o grupo continua controlando faixas do território rural e realiza ataques mortais contra civis e militares.

Reações

As Nações Unidas, a Turquia e a União Africana condenaram o ataque sangrento. A missão da ONU na Somália prometeu apoiar todos os somalis contra o

AFP



Homens observam prédio e veículos destruídos na explosão: extremistas tinham como alvo o Ministério da Educação

AFP



Grupo carrega corpo de um dos atingidos na ação terrorista, a maior em cinco anos

terrorismo. “Esses ataques ressaltam a urgência e a importância crítica da ofensiva militar em andamento para enfraquecer ainda mais o Al-Shabab”, postou, no Twitter, a Missão de Transição da União Africana na Somália, que substituiu a força

de manutenção da paz anterior.

A União Europeia (UE) também condenou o ataque, que “só nos lembra a barbárie do grupo Al Shabab contra seu próprio povo”, disse o chefe da diplomacia da UE, Josep Borrell, em um comunicado. Ele

reafirmou a “determinação (do bloco) no combate ao terrorismo”. Durante a oração do Angelus, o papa Francisco rezou pelas vítimas do atentado.

Nos últimos meses, a facção jihadista aumentou a atividade na Somália, um país

ONDE FICA



Isso não está certo. E, se Deus quiser, eles não poderão realizar outro ataque”

Hasan Sheikh Mohamud,
presidente da Somália

muito pobre no Chifre da África, principalmente com um ataque de 30 horas a um hotel de Mogadíscio no final de agosto. Na semana passada, os extremistas reivindicaram a responsabilidade por um ataque a um hotel na cidade portuária de Kismayo, que deixou nove mortos e 47 feridos.

Após essa ação, o presidente Hasan Mohamud prometeu uma “guerra total” para eliminar o Al Shabab e exortou a população a “ficar fora” das áreas controladas

pelos islâmicos, uma vez que essas deveriam ser alvo de futuras ofensivas do governo.

Além da insurreição do Al Shabab, a Somália está ameaçada por uma fome iminente, causada pela pior seca do país em mais de quatro décadas. Em todo o país, 7,8 milhões de pessoas — ou seja, metade da população — são afetadas pela seca e 213 mil correm o risco de uma grande fome, de acordo com a Organização das Nações Unidas.

TRAGÉDIA NO HALLOWEEN

Coreia do Sul em busca de respostas

No dia seguinte a uma das piores tragédias já ocorridas no país, autoridades sul-coreanas buscavam respostas para o tumulto que culminou com a morte de ao menos 153 pessoas que celebravam o halloween nas ruas apertadas de um bairro do centro de Seul. Abalado com o ocorrido, o presidente Yoon Suk-yeol visitou o local e declarou luto nacional em memória às vítimas até 5 de novembro.

Em um discurso na televisão, Yoon voltou, ontem, a se comprometer com uma investigação rigorosa sobre o episódio, que deixou 134 feridos. “Foi uma tragédia e um desastre que não deveriam ter acontecido”, assinou, acrescentando que tomará medidas para garantir que um

incidente como esse não se repita. Shows, festas e mesmo compromissos de governo foram cancelados em memória das vítimas.

Entre os mortos, 20 são estrangeiros. Na lista, estão cidadãos dos Estados Unidos, Irã, China, Uzbequistão, Noruega, Áustria, Vietnã, Cazaquistão e Sri Lanka, segundo informações do Ministério do Interior. “Meu coração está apertado e é difícil conter minha dor”, disse o presidente sul-coreano. As autoridades de Seul disseram que também receberam 2.642 relatos de pessoas desaparecidas.

O tumulto e a debandada ocorreram na capital do distrito popular de Itaewon, onde estima-se que até 100 mil pessoas — a maioria adolescentes e jovens

na faixa de 20 anos — chegaram na noite de sábado, enchendo seus becos e ruas sinuosas, na primeira grande festa em Seul após a pandemia.

Testemunhas contaram como as pessoas tentaram sair da multidão sufocante, empilhando-se umas sobre as outras enquanto os paramédicos, sobrecarregados pelo número de vítimas, pediam aos transeuntes que os ajudassem a prestar os primeiros socorros.

“Havia tantas pessoas empurrando umas às outras que fiquei preso na primeira multidão e no começo não consegui sair”, contou à agência France Presse (AFP) Jeon Ga-eul, de 30 anos, que tomava uma bebida em um bar no momento da

confusão. “Saí para ver e vi pessoas prestando primeiros socorros cardiorrespiratórios.”

Choi Seong-beom, do Corpo de Bombeiros, explicou que o alto número de vítimas se deve ao fato de muitas terem sido pisoteadas. “As pessoas caíram empilhadas umas sobre as outras como em um túmulo. Algumas gradualmente perderam a consciência e outras pareciam mortas naquele momento”, disse uma testemunha à agência de notícias Yonhap.

Em entrevista à rede local YTN, o médico Lee Beom-suk descreveu as cenas de tragédia e caos. “Quando tentei ajudar, havia duas vítimas deitadas na calçada. Mas o número disparou logo depois, sobrecarregando os

AFP



Socorristas ao lado de maca com corpo de vítima: luto de seis dias

socorristas no local”, contou.

O papa Francisco dedicou sua oração de ontem às vítimas e pediu aos fiéis que rezem pelas pessoas, especialmente os jovens. Líderes internacionais expressaram sua consternação. “Estamos de luto com o povo da República

da Coreia e enviamos nossos melhores votos de rápida recuperação a todos os feridos”, disse o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, em nota. O presidente chinês, Xi Jinping, disse que estava “chocado” ao expressar “profundas condolências”.